P.E 6

Fevereiro / 2021

PANORAMA ECONOMICO – FEVEREIRO/2021

Aliado ao cenário externo não tão favorável como o esperado, tudo que engloba o risco brasil contribuiu para um mês de fevereiro muito abaixo das expectativas.

O principal motivo que ocasiona o não aproveitamento do Brasil a janela de oportunidade que o cenário externo ainda proporciona, é a questão fiscal.

INTERNACIONAL

EUA

Nos Estados Unidos, o novo presidente Joe Biden adotou medidas para voltar atrás na decisão de saída do acordo de Paris sobre clima e de deixar a OMS, como já era esperado. Como forma de solução para o plano mais lento de vacinação atual, Biden quer vacinar 100 milhões de pessoas em 100 dias.

Tivemos também a divulgação do PIB americano do quarto trimestre de 2020, indicando alta de 4% e acumulando queda de 3,5% no ano. O Dow Jones fechou a -3,28% e a Nasdaq a -3,49% na semana.

O assunto mais falado na primeira semana do mês, foi o processo especulativo com ações da GameStop e AMC, com a SEC (Comissão de Valores Mobiliários dos Estados Unidos) suspendendo negócios e iniciando investigação sobre manipulação.

Na segunda semana o ambiente de retomada econômica surge novamente por lá, a aceleração do processo de vacinação vem dando resultados, renovando os ganhos em Wall Street. Em breve poderemos ver mais uma rodada de estímulos fiscais, desta vez na ordem de U$ 1.9 Trilhão.

O tema ganha força após um Payroll abaixo do esperado, aumentando o consenso de que ainda deve-se amparar os trabalhadores e empresas. Em paralelo, contribuindo para o otimismo do mercado na semana, a Johnson & Johnson pediu autorização para o uso emergencial de sua vacina para a FDA (Agência federal do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos).

EUROPA

Na Europa, na primeira semana e no mês, os investidores mostraram um perfil cauteloso devido as medidas restritivas para evitar o avanço do coronavírus, ocasionando queda nos principais índices da região. A Comissão Europeia criou um mecanismo "de emergência" para controlar e bloquear as exportações de vacinas imunizantes contra a Covid-19 produzidas no território da União Europeia para outros países.

Por lá o discurso segue como a ação necessária, temporária e saudável, em relação proibição da entrada de imigrantes, cancelamentos de voos e o endurecimento das medidas restritivas.

Durante o mês, o foco ficou durante um bom tempo na decisão do ex-presidente do BCE (Banco Central Europeu) de 2011 a 2019, Mario Draghi, de aceitar a missão de ajudar a formar um governo na Itália, que atualmente passa por uma crise política.

Draghi será primeiro-ministro da Itália, tendo a missão de substituir Giuseppe Conte. Em sua primeira aparição, Draghi disse "Derrotar a pandemia, completar a campanha de vacinação e relançar o país são os desafios que nos esperam. Temos os recursos extraordinários da UE..."

A volta de um dos italianos de maior prestígio nas últimas décadas, favoreceu o mercado acionado, aliado a uma semana sem medidas de restrições e avanço no processo de vacinação.

Alguns países se preparam para a retomada após uma série de medidas restritivas, devido à queda de número de casos e o avanço da vacinação em massa. Porém o principal foco ao final do mês, foi o exterior, em principal o pacote fiscal promovido pelos Estados Unidos.

Durante a reunião virtual do G7, Angela Merkel, a chanceler alemã, declarou que a Alemanha contribuirá com 1,5 bilhão a mais para a luta global contra a pandemia.

Diante disso, a Alemanha se torna o primeiro país a contribuir de maneira global para os esforços multilaterais no combate a pandemia do Covid-19.

ÁSIA

Na Ásia, como já se é esperado, apenas a China apresentou dados de conjuntura acima da média. O PIB chinês fechou 2020 com alta de 2,3%, mesmo sendo o pior resultado em 44 anos, o resultado é o único positivo no mundo todo.

Na Ásia, a região se preparou para o feriado do ano novo lunar, onde o governo recomendou que a população ainda não realizasse viagens. A primeira semana do mês foi bem mista, com dias marcados pela realização de lucros e dias marcados otimismo do cenário externo e pela injeção de liquidez do Banco do Povo da China. Tirando esses pontos, a agenda segue enfraquecida por lá.

Na segunda semana, a volta do feriado ajustou os mercados. Como em boa parte do mundo, a atenção se virou para os próximos passos dos Estados Unidos e o processo de vacinação local, principalmente no Japão, onde os futuros já operam em alta.

Por lá, os investidores estão digerindo os resultados financeiros das principais empresas, bem como os preços das commodities pesando nas ações do setor de energia.

MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÀVEL

No mercado internacional de renda fixa, a volatilidade nos preços manteve-se próxima ao normal devido o FED manter o juro próximo de zero, e anunciar que assim deverá permanecer por um tempo suficientemente prolongado enquanto a economia doméstica não se consolidar no terreno do crescimento.

No mês de fevereiro, o Dow subiu 3,2%, o S&P 500 subiu 2,6% e o Nasdaq ganhou de 0,9%. O petróleo referência Brent ficou estável a U$64,38 o barril negociado na bolsa Mercantil de Futuros de Londres. O petróleo WTI ficou em queda de 3,07% aos US$61,59 o barril na bolsa Mercantil de Futuros, Nova York.

No último pregão do mês, o índice Hang Seng, bolsa de Hong Kong, fechou em queda de 3,64% aos 28.980 pontos. O índice Xangai, China, ficou em queda de 2,12% aos 3.509 pontos. o índice Stoxx Europe 600 fechou em queda de 1,64% aos 404.99 pontos em Londres; o FTSE-100 (Londres) ficou em queda de 2,53% aos 6.483 pontos; o DAX 30 (Frankfurt) ficou em queda de 0,67% aos 13.786 pontos.

NACIONAL

ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

A previsão do mercado financeiro para o crescimento da economia brasileira este ano caiu de 3,43% para 3,29% em 2021. Para 2022, 2023 e 2024 a estimativa permaneceu em 2,50%, a estimativa está no último boletim Focus do mês.

A economia brasileira gerou 260.353 empregos com carteira assinada em janeiro de 2021. É o melhor resultado para o mês em comparação com a série histórica.

De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), em janeiro foram contratados 1.527.083 trabalhadores formais e demitidos 1.266.730. Portanto, houve saldo positivo de 260.353.

O Nível de desemprego bate recorde no Brasil em 2020 e atinge 13,4 milhões de pessoas.

SETOR PUBLICO

A balança comercial brasileira registrou superávit de 1,152 bilhão de dólares em fevereiro, as importações cresceram em ritmo acelerado, juntamente com as exportações, devido ao impacto de operações de nacionalização de plataformas de petróleo no mês, mostraram dados do Ministério da Economia.

Para a taxa Selic, os analistas reunidos pelo BC, estimaram a alta de 3,75% para 4,00% em 2021, a alta em 5,0% para 2022. Para 2023 e 2024, a projeção se manteve em 6,00%.

INFLAÇÃO

Para o último relatório Focus do mês, para o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), as projeções subiram de 3,62% para 3,82%. Para 2022, a previsão para o IPCA foi mantida de 3,49%. Para 2023 e 2024, as estimativas permaneceram em 3,25%.

Devido principalmente a alta nos preços dos combustíveis, a inflação de fevereiro foi de 0,86%, muito acima da vista em janeiro (0,25%).

O IPCA acumula alta de 1,11% no ano e, em 12 meses, de 5,20%, acima dos 4,56% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. Em fevereiro de 2020, o índice havia ficado em 0,25%.

O Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M), divulgado em 25 de fevereiro, pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas subiu 2,53% em fevereiro de 2021.

Com este resultado o índice acumula alta de 5,17% no ano e de 28,94% em 12 meses. Em fevereiro de 2020, o índice havia caído 0,04% e acumulava alta de 6,82% em 12 meses.

CÂMBIO E SETOR EXTERNO

No último relatório Focus do mês, a taxa de câmbio saiu de R$5,01 para R$5,05 esse ano. Para 2022, o valor ficou em R$5,00 e para 2023 ficou em R$4,90. Para 2024, o valor subiu de R$4,90 para R$4,96, voltando para o patamar de três semanas atrás.

O fluxo cambial positivo no mês de fevereiro em US$ 4,358 bilhões, dados do Banco central, divulgado ao início de março.

A entrada líquida, no mês, foi de US$ 3,009 bilhões em fevereiro, com aportes no valor de US$ 38,215 bilhões e de retiradas no total de US$ 35,206 bilhões.

No comércio exterior, houve um saldo positivo de US$ 1,349 bilhão, com importações de US$ 21,309 bilhões e exportações de US$ 22,658 bilhões.

BOLETIM RENDA FIXA ANBIMA

Em fevereiro, houve desvalorização das carteiras do IMA-B5+ e IRF-M1+ pelo segundo mês consecutivo. Sozinho, o subíndice IMA-B5+, que reflete o desempenho dos títulos públicos indexados ao IPCA com mais de cinco anos de vencimento, recuou 2,33%, acumulando perda de 3,97% em 2021. Em seguida, o IRF-M1+, com títulos pré-fixados de vencimento acima de um ano, exibiu perda de 2,01% e 3,37%, mês e ano, nesta ordem. Esse comportamento é atribuído à incerteza no mercado em relação à superação da pandemia e a seus possíveis impactos na economia e nas contas públicas.

Com relação às carteiras de títulos públicos de vencimento mais curto, o subíndice IMA-B5, que expressa o comportamento dos títulos indexados ao IPCA de até cinco anos, ficou no campo negativo, com baixa de 0,60% no mês e 0,49% no acumulado do ano. Em contrapartida, a carteira de títulos pré-fixados de vencimento máximo de até um ano, o IRF-M 1, performou 0,04% e 0,08%, mês e ano, nesta ordem.

Vale destacar a menor variação das LFTs em mercado, representada pelo IMA-S, que saiu de valorização de 0,22% em janeiro para 0,05% em fevereiro, situando-se abaixo da taxa Selic no mês (0,16%).

RENDA VARIÁVEL

O Ibovespa fechou o último pregão do mês (26/02) com queda de 1,98%, chegando a 110.035 pontos. Com isso, o índice acumulou perda de 6,9% na semana e de 4,2% em fevereiro. A perda dos dois primeiros meses de 2021 soma 7,4%. A deterioração do quadro fiscais e os desgastes políticos, seguem sendo os principais motivos para a alta volatilidade no mercado.

PERSPECTIVAS

Podemos observar alguma mobilização dos Bancos Centrais em relação a política monetária, tendo em vista o plano de vacinação em prática, a aceleração da inflação e os estímulos que seguem sendo despejados na economia.

Podendo se esperar uma mudança na taxa de juros no futuro próximo, como já é adiantado no relatório semanal do Banco central.

Devemos observar também, o desenrolar da PEC emergencial, que foi prorrogada, mas deve ser votada na primeira semana de março.

A partir disso, teremos que avaliar o andamento de reformas e em qual intensidade será elaborada, agora com a Câmara e Senado definido. O que tudo indica é auxílio emergencial menor e por cerca de quatro meses, como o mais indicado, sendo preciso ainda observar a PEC emergencial.

Devemos observar também o processo de imunização da população brasileira com novas vacinas podendo entrar no plano inicial, mesmo atrasado, o país segue tentando cumprir o plano estipulado.

A preocupação com o quadro fiscal, o grave endividamento e teto de gastos, restando apenas esperar que o acordado seja respeitado, caso o desajuste fiscal aconteça, além de gerar desconfiança dos investidores estrangeiros, geraria um aumento inesperado na taxa de juros, por esse motivo, e do risco Brasil, fato que seria prejudicial para o momento atual da economia.

Situação que o Brasil vem tentando evitar ao longo dos últimos anos, reconquistar os investidores estrangeiros, a partir de um quadro fiscal mais bem elaborado, uma agenda de reformas estruturais, que ocasionalmente levaria o Brasil a um controle maior sobre as receitas e gastos governamentais.

Segue no radar, o aumento dos índices de preço da economia, uma inflação que começou acelerar e que tem impactos significativos já no curto prazo, podendo já ser vista no IPCA. Mesmo com o Relatório Focus indicando uma desaceleração do índice para os próximos períodos.

Apesar de todas as oscilações de mercado, as expectativas seguem sendo o plano de vacinação contra a Covid-19 e toda a pauta de reforma que segue sem definição pelo governo.

Os dados indicam uma pressão no curto prazo nos preços ao consumidor amplo e isto pode levar o Banco Central a intensificar as discussões sobre o ritmo das reformas. É provável que a qualquer sinal de melhora constante na economia, devemos ter uma elevação da SELIC, mesmo que antes do projetado.

Os sinais de abertura na curva de juros, demonstrada pelo aumento da taxa de juros e a alta volatilidade nos títulos federais de longo prazo, aliada ao fato que não acontecia desde 2002 e que aconteceu em setembro e outubro de 2020, com as LFTs (Tesouro Selic) sendo negociada a taxas negativas, indica a pressão sobre a Selic.

O mais recomendado para o atual momento é a cautela ao assumir posições mais arriscadas no curto prazo, a volatilidade nos mercados deve se manter sem ainda a desenhar um horizonte claro, em razão principalmente pelo nosso cenário político.

Mantemos nossa recomendação de adotar cautela nos investimentos e acompanhamento diário dos mercados e estratégias. Mantemos a sugestão para que os recursos necessários para fazer frente às despesas correntes sejam resgatados dos investimentos menos voláteis (CDI, IRF-M1, IDkA IPCA 2A). Para o IMA-B que é formado por títulos públicos indexados à inflação medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), que são as NTN-Bs (Notas do Tesouro Nacional – Série B ou Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais), não estamos recomendando o aporte no segmento, com a estratégia de alocação em 5%, sendo indicado para os RPPS que possuem porcentagem igual ou maior, aos que possuírem porcentagem inferior a 5%, recomendamos a não movimentação no segmento. Tomar decisões precipitadas enseja realizar uma perda decorrente da desvalorização dos investimentos sem possibilidades de recuperação na retomada dos mercados. Para aqueles que enxergam uma oportunidade de investir recursos a preços mais baratos, municie-se das informações necessárias para subsidiar a tomada da decisão.

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
Renda Fixa	**60%**
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	5%
Gestão do Duration	30%
Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2)	20%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	5%
Renda Variável	**30%**
Fundos de Ações	20%
Multimercados	5%
Fundos de Participações *	2,5%
Fundos Imobiliários *	2,5%
Investimento no Exterior	**10%**
Fundos de Investimentos no Exterior (Hedge)	5%
Fundos de Investimentos no Exterior	5%

* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.